

Uso dos pronomes {senhor/senhora} e {você} em entrevistas realizadas pelo projeto cal em Capanema/Paraná/Brasil

Use of the pronouns {senhor/senhora} and {você} in interviews conducted by the CAL project in Capanema/Paraná/Brazil.

Aparecida Feola Sella. Unioeste
mafsella1@yahoo.com.br

Leandra Francischett. Unioeste
mlefrancischett@yahoo.com

Renan Paulo Bini. Unioeste
mrenanpaulobini@hotmail.com

Solange Goretti Moreira Pizzatto. Unioeste
msolange_pizzatto@hotmail.com

Sônia Cristina Poltronieri Mendonça. Unioeste
msoniapoltronieri@yahoo.com



Received: May 2024

Accepted: September 2024

Resumo

Enfoca-se, neste capítulo, o uso de pronomes de tratamento na língua portuguesa, com ênfase nas formas "senhor/senhora" e {você}, baseando-se em dados obtidos no Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas (CAL) (Projeto CAL), coordenado por Aguilera (2009), em colaboração com a professora Dra. Aparecida Feola Sella. A coleta de dados do Projeto CAL abrangeu seis localidades fronteiriças – Foz do Iguaçu, Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Marechal Cândido Rondon e Guaíra – que compartilham fronteiras com o Paraguai e a Argentina, além de duas localidades caracterizadas por populações multiétnicas: Ponta Grossa e Irati (Sella, Corbari e Aguilera, 2019). Para este capítulo, Capanema foi escolhida devido à sua complexa realidade sociolinguística, especialmente no que diz respeito às atitudes linguísticas de seus habitantes. Esse contexto favorece uma diversidade linguística, influenciada tanto por correntes migratórias quanto por laços históricos e culturais com países vizinhos. Esse contexto sociolinguístico mostrou-se propício para verificação do uso das formas de tratamento em pauta, inclusive para verificação da interação ocorrida entre a entrevistador e entrevistado.

Palavras-chave

Projeto CAL; Capanema (PR/BR), Sociolinguística; Formas de Tratamento

Abstract

In this chapter, focuses on the use of treatment pronouns in the Portuguese language, with emphasis on the forms "sir/madam" and "you", based on data obtained from the Linguistic Beliefs and Attitudes Project (CAL) (CAL Project), coordinated by Aguilera (2009), in collaboration with professor PhD. Dr. Aparecida Feola Sella. The CAL Project data collection covered six border locations - Foz do Iguaçu, Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Marechal Cândido Rondon and Guaíra - which share borders with Paraguay and Argentina,

in addition to two locations characterized by multiethnic populations: Ponta Grossa and Irati (Sella, Corbari and Aguilera, 2019). For this section Capanema was chosen due to its complex sociolinguistic reality, especially with regard to the linguistic attitudes of its inhabitants. This context favors linguistic diversity, influenced both by migratory currents and by historical and cultural ties with neighboring countries. This sociolinguistic context proved to be conducive to verifying the use of the forms of address in question, including to verify the interaction that occurred between the interviewer and interviewee.

Keywords

CAL Project; Capanema (PR/BR), Sociolinguistics; Forms of Treatment.

Índice

1. Introdução
2. Sobre a localidade de Capanema – PR.
3. Reflexões teóricas
4. Projeto CAL: Crenças e Atitudes Linguísticas
5. Análise e discussões
6. Conclusões
7. Referências bibliográficas

1. Introdução

O presente texto é resultado da apresentação realizada no II FORTRATIB (Fórum Internacional sobre Formas de Tratamento, Interação e Pragmática), ocorrido em março de 2024, evento que reuniu pesquisadores de diferentes partes do mundo para discutir dinâmicas linguísticas e pragmáticas em variados contextos culturais e sociais. O foco central deste estudo foi o uso de pronomes de tratamento na língua portuguesa, com ênfase nas formas {senhor/senhora} e {você}, baseando-se em dados obtidos no Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas (CAL) (Projeto CAL), coordenado por Aguilera (2009), em colaboração com a professora Dra. Aparecida Feola Sella.

A coleta de dados do Projeto CAL abrangeu seis localidades fronteiriças – Foz do Iguaçu, Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Marechal Cândido Rondon e Guaíra – que compartilham fronteiras com o Paraguai e a Argentina, além de duas localidades caracterizadas por populações multiétnicas: Ponta Grossa e Irati (Sella, Corbari e Aguilera, 2019). Para este capítulo, Capanema foi escolhida devido à sua complexa realidade sociolinguística, especialmente no que diz respeito às atitudes linguísticas de seus habitantes.

A escolha de Capanema como local de estudo se justifica por sua singularidade sociolinguística, localizada em uma região de fronteira com a Argentina e caracterizada por um intenso contato linguístico entre o português e o espanhol. Esse contexto favorece uma diversidade linguística, influenciada tanto por correntes migratórias quanto por laços históricos e culturais com países vizinhos. O Projeto CAL foi fundamental para o mapeamento dessas variações linguísticas, buscando compreender as atitudes e crenças dos falantes em relação ao uso dos pronomes de tratamento.

Este capítulo, portanto, visa a explorar como essas formas pronominais se manifestam nas interações, destacando a alternância entre o uso de pronomes formais e informais. A análise considera não só as preferências linguísticas dos falantes, mas também as implicações sociais e culturais dessas escolhas, como indicativo de respeito, formalidade ou proximidade. A partir de uma análise sociolinguística, procuramos evidenciar os padrões de uso que revelam o comportamento linguístico e nas relações interpessoais dentro desse contexto de fronteira. Além disso, este trabalho também examina como a escolha dos pronomes de tratamento, no *corpus*, reflete a dinâmica de poder, identidade e polidez nas interações sociais. Assim, são exploradas as interseções entre linguagem, cultura e sociedade em uma região marcada por múltiplas influências linguísticas.

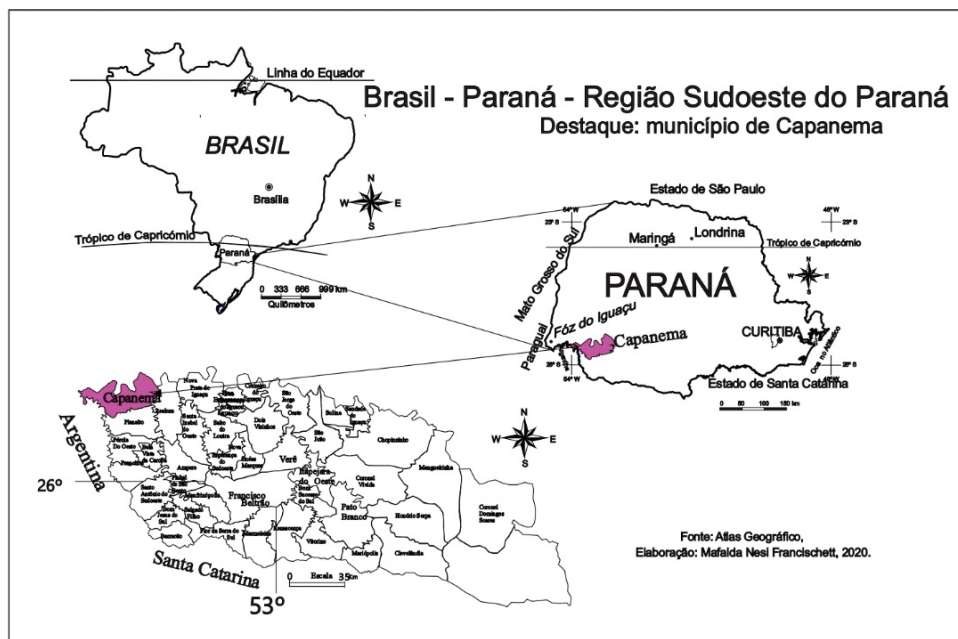
2. Sobre a localidade de Capanema – PR

Capanema, localizada no Sudoeste do Estado do Paraná, destaca-se não apenas por sua posição geográfica, mas também pela realidade sociolinguística. Limitando-se com quatro municípios da região Oeste – Matelândia, Céu Azul, Serranópolis do Iguaçu e Capitão Leônidas Marques – e com o município de

Planalto no Sudoeste, Capanema também faz fronteira com a cidade de Comandante Andresito, na Província de Misiones, Argentina. Seus principais acidentes geográficos incluem os rios Capanema e Iguaçu, posicionando a cidade na divisa entre o Brasil e a Argentina, próximo ao Parque Nacional do Iguaçu, conforme mapa de Francischett (2020).

Essa localização de fronteira faz de Capanema um espaço privilegiado para o estudo do contato linguístico, refletindo as influências culturais e linguísticas que atravessam suas fronteiras. Regiões fronteiriças são frequentemente vistas como zonas de transição, onde culturas e identidades se sobrepõem, dando origem a dinâmicas linguísticas. No caso de Capanema, o intenso contato entre o português brasileiro e o espanhol falado na Argentina pode influenciar diretamente a maneira como seus habitantes utilizam algumas estratégias linguísticas, como os pronomes de tratamento.

O seguinte mapa de Francischett (2020) ilustra a localização da cidade de Capanema em relação ao Estado do Paraná e ao Brasil.



Fonte: Francischett (2020) ¹

Essa fronteira não é apenas um limite físico entre nações, mas também um espaço simbólico, em que identidades se constroem e se redefinem constantemente. Em regiões como Capanema, as fronteiras linguísticas podem ser tão fluidas quanto as físicas, com falantes alternando entre idiomas e formas de tratamento de acordo com o contexto social e a relação com o interlocutor. Assim, o estudo das escolhas linguísticas nesse contexto pode revelar, para além das preferências comunicativas, a construção de identidades fronteiriças e a negociação constante de poder, proximidade e formalidade.



Mapa com a localização do PNI e da Estrada do Colono. Fonte: <https://www.h2foz.com.br/pontofoz/por-que-a-estrada-do-colono-fragiliza-o-parque-nacional-do-iguacu/>

¹ Fonte: <https://www.h2foz.com.br/pontofoz/por-que-a-estrada-do-colono-fragiliza-o-parque-nacional-do-iguacu/>

O município de Capanema, situado em uma posição estratégica próxima ao Parque Nacional do Iguaçu, na fronteira com a Argentina e nas proximidades das Cataratas do Iguaçu, destaca-se pelo seu grande potencial turístico. Essa localização privilegiada faz da cidade um importante destino para visitantes interessados tanto nas belezas naturais quanto nas atividades de lazer oferecidas pela região (Capanema, 2020).

A economia local é impulsionada pelo turismo e pela produção agroindustrial, especialmente de derivados da cana-de-açúcar, como melado e açúcar mascavo, além de produtos orgânicos como cítricos, maracujá e abacaxi. Essas atividades não apenas sustentam a economia, mas também promovem o agroturismo, oferecendo aos visitantes a oportunidade de vivenciar a produção local (Capanema, 2020).

Os balneários às margens do Rio Iguaçu são pontos de recreação populares, atraindo um grande número de turistas. No entanto, os principais atrativos de Capanema estão localizados no Parque Nacional do Iguaçu, que conta com cerca de 70 km de margens do Rio Iguaçu, conectando o município ao parque. Essa extensa área possibilita diversas atividades de ecoturismo, destacando a biodiversidade e as paisagens naturais da região (Capanema, 2020).

Diante do exposto, percebe-se que Capanema revela-se como um município de potencial turístico, econômico e cultural, alicerçado por seus recursos naturais e pela diversidade sociolinguística presente na região (Capanema, 2020). A integração de práticas de agroturismo, ecoturismo e o fortalecimento das tradições locais posicionam o município não apenas como um atrativo regional, mas também como um espaço de interação cultural e econômica significativo. Essa dinâmica não só impulsiona o desenvolvimento local como também contribui para a valorização das identidades culturais, reforçando o papel de Capanema como um importante ator na promoção do turismo e na preservação dos recursos naturais e culturais. Assim, o município continua a se consolidar como um destino promissor, capaz de aliar desenvolvimento econômico e preservação ambiental de maneira sustentável (Capanema, 2020).

3. Reflexões teóricas

A variação linguística reflete a diversidade social e cultural de uma comunidade, sendo moldada por fatores como origem social, idade, escolaridade e o contexto de interação. Como destacado por Coelho *et al.* (2023), as formas de falar variam significativamente entre indivíduos que compartilham os mesmos espaços, como família, trabalho ou ambientes acadêmicos. Essa diversidade demonstra que a língua é mais do que uma ferramenta de comunicação: ela é um reflexo das identidades e contextos sociais nos quais os falantes estão inseridos.

A multiplicidade linguística no Brasil tem raízes profundas, derivadas da colonização europeia, da presença de povos africanos escravizados e das línguas indígenas nativas. Além disso, o país recebeu fluxos migratórios de espanhóis, italianos, alemães e japoneses no início do século XX, o que aumentou ainda mais a diversidade linguística. Bezerra e Rabay (2012) destacam como essa diversidade linguística continua a moldar o português brasileiro, sendo um produto de múltiplas influências históricas e geográficas.

Nas regiões de fronteira, como Capanema, essa multiplicidade torna-se ainda mais evidente. Cortez e Busse (2020), em trabalho realizado na fronteira Brasil/Argentina, mais especificamente em Santo Antônio do Sudoeste/BR e San Antonio/AR, exemplificam a fluidez linguística que surge nesses contextos. As autoras ressaltam que as fronteiras funcionam como zonas de mistura, onde culturas, línguas e identidades se mesclam e se reconfiguram constantemente. Os falantes adaptam suas práticas linguísticas conforme as demandas sociais e comunicativas, negociando suas identidades de maneira contínua. Nesse sentido, a variação linguística em áreas de fronteira deve ser vista como um processo natural e motivado.

A Sociolinguística, conforme abordada por Tarallo (2001), parte do princípio de que toda variação linguística é motivada por fatores previsíveis e que o uso da língua reflete as dinâmicas sociais e culturais em que os falantes estão envolvidos. No caso dos pronomes de tratamento, como "*senhor/senhora*" e {*você*}, esses termos não são escolhidos aleatoriamente pelos falantes. Ao contrário, eles servem para marcar diferentes graus de proximidade, formalidade e respeito, como parte de um sistema linguístico que está em constante evolução.

O estudo de Görski e Coelho (2009) sobre os paradigmas pronominais no português brasileiro reforça essa ideia, ao demonstrar como as formas de tratamento {*você*}, {*a gente*} e {*o senhor/a senhora*} passaram por um processo de gramaticalização. Essas formas tornaram-se pronomes pessoais comuns no uso cotidiano, concorrendo com as formas tradicionais {*tu*}, {*nós*}. Esse fenômeno reflete as mudanças sociais que influenciam diretamente a língua, à medida que os falantes ajustam seu uso de pronomes para adequá-los às interações sociais contemporâneas.

O paradigma 1 consta das gramáticas tradicionais e da maioria dos livros didáticos. Já o paradigma 2 representa os usos dos pronomes no Português Brasileiro (PB) (Görski; Coelho, 2009, p. 85):

Paradigmas pronominais tradicional e em uso efetivo no PB

Paradigma 1	Paradigma 2
eu	eu
tu	tu/ <i>você</i>
ele(a)	ele(a)
nós	nós/ <i>a gente</i>
vós	(vós)/ <i>vocês</i>
eles(as)	eles

Fonte: Görski; Coelho (2009).

No quadro acima, de acordo com Görski e Coelho (2009), no Paradigma 2, observa-se o uso efetivo, o sistema pronominal do Português Brasileiro (PB), em que as formas “invasoras” {você(s)} e {a gente}, que são advindas, respectivamente, de expressão de base pronominal de tratamento (Vossa Mercê) e de expressão de base nominal (substantivo *gente*), por um processo de gramaticalização. Ao assumirem determinadas propriedades, valores e funções essas novas formas passam a fazer parte de uma nova categoria (ou classe), a de pronome.

A forma de tratamento *você* passou por um processo de gramaticalização, deixando de ser uma forma de tratamento para ser empregada como um pronome pessoal. Com relação ao substantivo *gente*, também ocorreu gramaticalização, passando de nome genérico (substantivo) a pronome pessoal. Assim, {você} concorre com {tu} e {a gente} concorre com {nós}. Este paradigma indica que a inserção dessas novas formas de pronome altera o sistema de flexão verbal do português brasileiro (Görski; Coelho, 2009).

Conforme Lopes (2003, p. 16): “A gramaticalização ocorreria quando um item lexical se torna, em certas circunstâncias, um item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam mais gramaticais”. O uso efetivo de {você}, por exemplo, nem sempre é reconhecido no sistema pronominal pelos gramáticos, como coocorre com a forma *tu*. (Görski e Coelho, 2009, p. 85) observam:

A forma pronominal *você* mantém o traço formal originário de 3ª. pessoa, criando uma situação de conflito entre as regras normativas de concordância. Persiste a especificação original de 3ª. pessoa, embora a interpretação semântico-discursiva passe a ser 2ª. pessoa. E *você* começa a concorrer com o *tu*.

A concorrência se estabelece no plano de variação de uso, mais efetivamente na modalidade oral-dialogada. Na escrita, o uso de {você} tem sido aceito em situações de interlocução marcada no texto. E isso pode ser percebido no gênero “orientação ao professor e ao aluno”, em que é o {você} que aparece e não o {tu}.

O uso da terceira pessoa, portanto, segue o padrão de pronome de tratamento, de terceira pessoa. Vejamos o que Cunha e Cintra (2016) observam:

Denominam-se PRONOMES DE TRATAMENTO certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como *você*, o *senhor*, *Vossa Excelência*. Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª pessoa), esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa (Cunha e Cintra, 2016, p. 304, grifos dos autores).

Ainda segundo Tarallo (2001), a variação linguística é uma manifestação da heterogeneidade da língua, e essa variação nem sempre resulta em mudança linguística. No entanto, toda mudança pressupõe variação. Assim, a norma-padrão ensinada nas escolas tenta regularizar essa diversidade, promovendo a unidade linguística nacional. Contudo, o uso real da língua, especialmente em contextos fronteirizos, é muito mais dinâmico e heterogêneo do que a norma escrita permite vislumbrar.

Portanto, a variação no uso, especialmente em regiões de fronteira como Capanema, é um reflexo das complexas interações sociais e culturais que ocorrem nesses espaços. As escolhas linguísticas dos falantes são moldadas não apenas por normas gramaticais, mas também por considerações de identidade, poder e polidez.

Se considerarmos o uso dos pronomes {você}, {o senhor}, {a senhora} e {a gente} no Português Brasileiro, podemos compreender as nuances que influenciam essas escolhas, muitas vezes ligadas ao contexto de polidez ou de monitoramento da fala. A escolha de pronomes não se restringe a uma regra gramatical, mas envolve um processo complexo de negociação social e de gestão da imagem que o falante deseja projetar. Goffman (2011) sugere que os interlocutores constantemente ajustam sua linguagem para repassar uma imagem positiva ao outro, buscando aceitação social. Esse ajuste linguístico inclui a escolha de pronomes de tratamento, que servem como uma forma de mediar relações de poder, respeito e proximidade.

Assim, o uso da linguagem, especialmente no que se refere à polidez e à formalidade, vai além do conteúdo das interações. A maneira como a conversa é estruturada, os pronomes escolhidos e a gestão da "face" dos envolvidos refletem uma competência linguística que está profundamente enraizada em normas culturais e sociais. Isso inclui a habilidade de adaptar a linguagem às expectativas do outro, utilizando, por exemplo, estruturas consideradas mais formais, como {o senhor/a senhora}, ou mais informais, como {você}², conforme o contexto e a relação entre os interlocutores.

Rodrigues (2003) enfatiza que as formas de tratamento corteses são essencialmente relacionais, isto é, servem como ferramentas para estabelecer e reconhecer lugares de respeito mútuo dentro de uma interação. Esses pronomes não apenas refletem a identidade do falante, mas também funcionam como marcadores de dinâmica social, poder e deferência. A alternância entre {você} e {senhor/senhora}, portanto, revela muito sobre como os indivíduos se percebem e são percebidos em uma interação, especialmente em contextos sociolinguísticos diversos como os de Capanema.

Assim, para as análises apresentada neste capítulo, partimos do pressuposto de que a variação no uso de pronomes é um reflexo das complexas interações sociais que ocorrem em contextos fronteiriços e multiculturais. Ela ilustra a flexibilidade e a riqueza do Português Brasileiro, que, ao longo de sua evolução, incorporou camadas de significado social em seus pronomes de tratamento. Mais do que uma simples escolha linguística, a seleção de pronomes em interações sociais envolve a negociação de identidades, status e respeito, o que sublinha o papel essencial da linguagem como uma ferramenta para a construção e manutenção das relações sociais.

4. Projeto CAL: Crenças e Atitudes Linguísticas

O Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas (Projeto CAL) foi realizado para investigar a relação entre o português e as línguas em contato nas regiões de fronteira do Paraná, Brasil. Iniciado em janeiro de 2009, o projeto surgiu no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Sob a coordenação da professora Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e com a colaboração da professora Dra. Aparecida Feola Sella, o Projeto CAL envolveu uma rede de pesquisadores de diversas instituições paranaenses, com o propósito de integrar esforços na análise e descrição das nuances linguísticas presentes no português falado no estado.

A importância do Projeto CAL reside em sua capacidade de explorar uma área ainda pouco estudada, que é a das crenças e atitudes linguísticas em contextos de contato linguístico e cultural. A região Oeste do Paraná, caracterizada por um mosaico de etnias, línguas e dialetos, ofereceu um cenário propício para essa investigação. A relevância do projeto também se dá pela ausência, até então, de estudos aprofundados sobre como esses contatos linguísticos influenciam a percepção e o comportamento dos falantes.

O principal objetivo do Projeto CAL foi mapear e analisar as crenças e atitudes dos falantes em relação às línguas em contato, especialmente em contextos de bilinguismo e bidialetismo. A equipe de pesquisa procurou entender como essas atitudes se refletem no uso e na manutenção das línguas, assim como nos processos de aquisição de segundas línguas. Para isso, o projeto contou com a colaboração de especialistas renomados na área, que, por meio de aulas e seminários, contribuíram para a fundamentação teórica e metodológica do estudo, ancorando-o em bases sólidas e reconhecidas no campo da Sociolinguística (Sella, Corbari & Aguilera, 2019).

A elaboração do Projeto CAL foi guiada por pressupostos teóricos que enfatizam a importância das atitudes linguísticas na configuração das identidades culturais e sociais dos falantes. Para embasar a pesquisa, foram revisados estudos clássicos de autores como Lambert e Lambert (1966), Labov (1976) e Bem (1973), além de pesquisas voltadas para o contexto hispânico, dada a proximidade do Paraná com países de

² Ressalta-se aqui a profunda ligação entre a escolha desses usos e as normas culturais, que são heterogêneas. O uso de {você}, por exemplo, evidencia maior grau de informalidade no Brasil. Em Portugal, por outro lado, o uso de {você} é preferido em relações de poder assimétricas, em oposição ao uso do {tu}, que revela simetria.

língua espanhola como Argentina e Paraguai. Essa base teórica permitiu uma análise aprofundada das atitudes linguísticas, considerando tanto os aspectos cognitivos e afetivos quanto as influências culturais e sociais que moldam essas percepções. (Sella, Corbari & Aguilera, 2019)

O estudo das atitudes linguísticas fundamenta-se na premissa de que o contato linguístico é essencialmente um contato entre indivíduos, permeado por atitudes, sentimentos e juízos de valor em relação às diferentes variedades linguísticas. As crenças e atitudes linguísticas funcionam como reflexos da interação entre língua, falante e sociedade. De acordo com Gómez Molina (1987, p. 25, tradução nossa), é “por meio da identificação das crenças e atitudes linguísticas, que se podem conhecer as reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que usam os falantes e sua influência na aquisição de segundas línguas”³.

No Projeto CAL (Aguilera, 2009), o conceito de atitude adotado, e utilizado nos estudos subsequentes, tem suas raízes na Psicologia Social. Lambert e Lambert (1966) definem atitude como uma disposição organizada de pensamentos, sentimentos e reações diante de pessoas ou eventos. Para esses autores, os componentes essenciais da atitude são os pensamentos e crenças, os sentimentos ou emoções, e as tendências reativas, formando um conjunto que direciona o comportamento diante de certos estímulos. Esse conceito de atitude é composto por três elementos inter-relacionados: crença (cognitivo), valoração (afetivo) e conduta (conativo). Embora a Psicologia Social tenha sido pioneira na investigação das atitudes nos anos 60, o estudo atual desse tema se beneficia das contribuições de áreas como a Sociolinguística, Sociologia da Linguagem e Etnografia da Comunicação, cada uma trazendo um enfoque distinto sobre crenças e atitudes linguísticas.

Entretanto, não há consenso entre os estudiosos quanto à estrutura das atitudes, visto que diferentes abordagens levam a concepções variadas. Duas principais correntes se destacam: a mentalista, que vê a atitude como uma entidade complexa, envolvendo elementos cognitivos, afetivos e conativos; e a comportamentalista, que a define como um elemento único, geralmente focado no aspecto afetivo ou valorativo. (Moreno Fernández, 1998)

Na perspectiva mentalista, considera-se inadequado entender a atitude apenas como uma reação a um objeto, uma vez que, conforme Oppenheim (1992), essa reação é apenas o estágio final de um processo mais amplo. A atitude, nesse sentido, é uma disposição latente nos indivíduos, não se manifestando apenas como uma ação imediata, mas como uma tendência profundamente influenciada por crenças e valores.

Independentemente da perspectiva adotada, mentalista ou comportamentalista, é amplamente aceito que a atitude representa uma predisposição mental, um estado de prontidão para agir ou reagir de maneira específica diante de certos estímulos. Segundo Oppenheim (1992), as atitudes, embora presentes em todo momento, permanecem latentes até que o objeto da atitude seja percebido, momento em que se manifestam através da fala ou outro comportamento.

As atitudes são adquiridas ao longo do processo de socialização, sendo, portanto, características mais do grupo do que do indivíduo. Elas cumprem uma função dupla: simplificam a percepção da realidade e contribuem para a formação da identidade individual e social (Puolato 2006). Nesse contexto, as atitudes linguísticas são um componente fundamental da identidade linguística do falante, fornecendo uma chave para a compreensão do comportamento linguístico.

Embora a língua seja uma ferramenta fundamental na constituição da vida social e da identidade, as atitudes linguísticas, diferentemente das línguas em si, focam nos grupos que as utilizam. As atitudes linguísticas, assim, desempenham um papel crucial na construção da identidade linguística do indivíduo e na interpretação de seu comportamento linguístico.

Para investigar crenças e atitudes linguísticas, é essencial considerar a relação entre língua e identidade étnica. Liebkind (1999) sugere que o uso da língua influencia a formação da identidade de grupo, que, por sua vez, molda os padrões de atitude e uso linguístico. Dado que a língua não está separada de seu contexto social, particularmente enquanto elemento constitutivo da identidade de um grupo étnico, frequentemente se observa uma tendência dos falantes em caracterizar grupos externos de maneira subjetiva, preservando o sentimento de comunidade e diferenciando o “outro” (Moreno Fernández 1998; Aguilera 2009). Calvet (2009) também destaca que os comportamentos linguísticos e sociais são interligados, sendo moldados por relações de poder expressas por meio da linguagem e que se referem aos falantes dessa língua.

Os valores linguísticos estabelecidos por um grupo social podem funcionar como critérios de avaliação, que, por sua vez, podem desencadear atitudes de preconceito e a formação de estereótipos linguísticos. Conforme Tarallo (2000, p. 6), em cada situação de comunicação em que nos envolvemos, percebemos que

³ A través de la identificación de las actitudes y creencias lingüísticas, uno puede entender las reacciones subjetivas en la lengua y / o lenguajes que utilizan los hablantes y su influencia en la adquisición de segundas lenguas. Gómez Molina, (1987, p. 25)

“a língua falada é, simultaneamente, heterogênea e diversificada”. Dessa forma, podemos afirmar que a sociedade é responsável por moldar e construir a língua, estabelecendo normas de prestígio ou desvalorização. A língua atua como um identificador de grupos e evidencia as diferenças sociais dentro de uma comunidade, e, a partir dessas diferenças, surgem categorias linguísticas que determinam ou classificam os grupos sociais como marginalizados ou prestigiados.

5. Análise e discussões

Em contextos formais e informais, a escolha entre as formas pronominais não é neutra; pelo contrário, ela carrega consigo intenções comunicativas que moldam o tom da interação e a percepção mútua dos interlocutores. No caso específico das entrevistas realizadas pelo Projeto CAL em Capanema, é possível observar a alternância entre essas formas de tratamento, o que nos permite explorar as dinâmicas sociais envolvidas.

O contexto de fronteira e a diversidade linguística da região de Capanema influenciam a escolha dos pronomes de tratamento, reforçando ou atenuando a formalidade e o distanciamento entre os falantes. Em uma região marcada por múltiplas influências culturais e linguísticas, como o contato entre o português e o espanhol, as formas de tratamento adquirem um valor ainda mais significativo, refletindo as complexas relações sociais e identitárias presentes nas interações diárias. Vejamos o seguinte recorte do nosso *corpus* de análise.

Entrevistadora- E a escola deveria ensinar essas línguas que o **senhor** ouve por aqui?

Entrevistado- Não. Assim eu acho que, geralmente a escola já tá ensinando o espanhol e o ... e o inglês que são interessantes essas línguas por causa que o Bento tem sobrenome de alemão de, de, de... que ... que o ... a turma mesmo ... **a senhora** no lê esse nome aqui, **a senhora** vai pronunciar ele totalmente errado. (Capanema Inf.05 M/59/EF)

O uso de {o senhor} na fala da entrevistadora e do entrevistado indica uma escolha clara de respeito e formalidade, especialmente no início da interação. Esse tipo de escolha pode ser interpretado como uma forma de manter uma certa distância social e demonstrar deferência, algo comum em interações entre pessoas de idades ou status sociais diferentes. Essa formalidade reforça as normas sociais de polidez e sugere um esforço por parte da entrevistadora em manter um tom mais sério e respeitoso na conversa.

No entanto, o fato de a entrevistadora alternar entre o uso de {senhor} e {você} ao longo da interação é revelador de uma tentativa de equilibrar formalidade e acessibilidade. Ao optar por {**você**}, ela suaviza o tom da interação, tornando-a menos rígida e mais próxima, o que pode ser uma estratégia para construir um ambiente de confiança e descontração. Por outro lado, o entrevistado mantém o uso de {a senhora}, possivelmente como um reflexo de sua percepção de hierarquia na interação ou de uma tentativa de seguir as normas de polidez.

Essa alternância sugere uma questão interessante: se a entrevistadora tivesse mantido o uso exclusivo de {o senhor}, o diálogo poderia ter permanecido mais formal, possivelmente criando uma barreira que dificultaria uma conversa mais fluida. Em contraste, se o entrevistado tivesse optado por responder com {**você**}, poderíamos ver uma tentativa de reduzir ainda mais a distância social, sinalizando um desejo de igualar o nível de proximidade com a entrevistadora. A escolha dos pronomes, portanto, vai além da simples formalidade, moldando as dinâmicas de poder e proximidade na interação. Observemos o próximo recorte.

Entrevistadora- E o exemplo de uma palavra em alemão, uma coisa em alemão que o **senhor** ainda lembra?

Entrevistado- Aí eu lembro bastante... (brasileira).

Entrevistadora- Pode falar.

Entrevistado- Pra cumprimentar: “gongovi, (inint) codenastre”. Tem várias assim (inint), tem alguma coisa eu posso me perdê mais, mas eu consigo falar bastante.

Entrevistadora- O que mais que o **senhor** fala?

Entrevistado- Em alemão? Olha, só **você** me perguntar.

Entrevistadora- Ah é? (risos) E se **você** se formou em alemão o quê?

Entrevistado- Dar bom dia, boa tarde, boa noite.

Entrevistadora- Ah interessante! (Capanema Inf.05 M/59/EF)

A alternância entre {o senhor} e {você} na fala da entrevistadora indica um esforço em manter um nível de formalidade e respeito na conversa, alinhando-se com o que diz Goffman (2011) sobre a polidez como um componente crucial na gestão da face nas interações sociais. O uso de {senhor} é particularmente notável por transmitir um respeito pela idade ou status social do entrevistado.

O uso de {você} pelo entrevistado sugere uma tentativa de criar um ambiente menos formal na conversa. Apesar da entrevistadora iniciar com um tratamento formal, usando {o senhor}, o entrevistado opta por {você}, indicando um tom de conversação mais informal.

Ao examinar a transcrição da entrevista em áudio, observa-se que o entrevistado, ao expressar “olha, só *você* me perguntar”, manifesta um tom descontraído, indicando sua disposição para responder a qualquer pergunta. Esse comportamento é reforçado pelo riso da entrevistadora, sinalizando que o diálogo acontece em um contexto de leveza e descontração. O entrevistado não apenas sinaliza sua disposição para responder perguntas, mas também convida a entrevistadora a participar de uma troca mais direta e pessoal, tornando a interação mais suave. O texto revela também uma dinâmica de comunicação informal e direta, caracterizada por trocas rápidas e a presença de elementos típicos da conversação, como “ai” e “ah”.

Ao usar {você}, em vez de {senhor} ou {senhora}, a entrevistadora pode estar empreendendo uma tentativa de criar um ambiente mais amigável e menos formal. Goffman (2011) aponta que a gestão da face, ou a maneira como apresentamos nós mesmos aos outros, é crucial para a aceitação social. Neste caso, a escolha de {você} pode ser uma estratégia para produzir uma imagem positiva da entrevistadora, promovendo uma interação mais aberta e menos formal.

De acordo com os dados apresentados, observa-se que houve ocorrências significativas de alternância dos termos {o senhor}, {a senhora} e *você*. Isso indica uma tendência à informalidade entre os entrevistados e uma preferência pela formalidade por parte da entrevistadora. Essa diferença sugere que a entrevistadora opta por manter um certo nível de distanciamento em relação aos entrevistados, possivelmente para preservar a objetividade ou demonstrar respeito durante a interação. A coocorrência no uso das formas de tratamento discutidas revela como cada parte da interação adota estratégias linguísticas distintas para adaptar suas identidades sociais e a dinâmica de poder dentro do contexto da entrevista. A título de sintetização, apresentamos o Quadro 2.

Quadro 2 – Sentidos evidenciados pela mobilização das formas pronominais {o senhor / a senhora} e {você} no *corpus* analisado

Forma pronominal	Sentidos observados	Efeito no diálogo
{O senhor/ a senhora}	Marca formalidade e respeito, geralmente usada para estabelecer distanciamento e deferência, especialmente em relação a idade ou status social.	Mantém o tom mais sério e formal, preservando a distância entre os interlocutores e reforçando a hierarquia.
{Você}	Indica informalidade e proximidade, frequentemente utilizada para reduzir a distância social e criar um ambiente mais acessível e descontraído.	Torna a interação mais próxima e leve, sugerindo um desejo de criar um ambiente menos formal e mais amigável.

Fonte: Elaborado pelos autores

A análise dos dados evidencia que a alternância entre {senhor(a)} e {você} cumpre diferentes funções semânticas e pragmáticas nas interações. Essas formas pronominais não são apenas instrumentos linguísticos para marcar o grau de formalidade, mas também atuam como elementos de negociação das relações sociais e de poder entre os interlocutores. Como demonstrado no *corpus*, a escolha dos pronomes reflete estratégias de gestão da interação, moldando o tom da conversa e influenciando o grau de proximidade entre os falantes. A utilização mais frequente de {você} pela entrevistadora, por exemplo, aponta para uma tentativa de reduzir a distância social, enquanto o entrevistado preserva a formalidade, sugerindo deferência e respeito. A variação pronominal, portanto, vai além da simples formalidade, sendo uma forma ativa de construção de identidade e negociação social.

6. Considerações finais

Neste trabalho, analisamos o uso dos pronomes {o senhor/a senhora} e {você} em entrevistas realizadas pelo Projeto CAL em Capanema, Paraná, Brasil. A alternância entre essas formas pronominais revela não apenas as dinâmicas de formalidade e respeito, mas também como os interlocutores negociam suas identidades e papéis sociais durante a interação. O uso de {o senhor/a senhora} tende a marcar um distanciamento respeitoso, especialmente em relação à idade ou status social, enquanto {você} atua como uma ferramenta de aproximação e descontração.

Essas escolhas pronominais não são aleatórias. Ao contrário, elas demonstram como os interlocutores moldam a interação conforme seus objetivos comunicativos, adaptando a formalidade ou informalidade para atender às expectativas sociais e culturais. Isso reflete a complexidade das relações linguísticas em contextos fronteiriços como o de Capanema, onde o uso da linguagem é influenciado por fatores como identidade, poder e cortesia.

A verificação dos pronomes no banco de dado do Projeto CAL, ainda que preliminares, contribui para uma compreensão da variação pronominal em contextos específicos, como regiões de fronteira, e suas implicações para a sociolinguística e a pragmática. Estudos futuros poderão ampliar essa análise, principalmente com relação à influência de fatores sociais, como gênero, escolaridade e imigração, e ainda sobre as escolhas pronominais e seu impacto nas relações interpessoais. Isso demonstra que a linguagem é espelho das relações sociais e das negociações identitárias, refletindo as complexidades das interações humanas.

7. Referências bibliográficas

- Aguilera, V. de Andrade. (2009). *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].
- Aguilera, V. de Andrade. (2019). Procedimentos metodológicos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato. In: Sella, A. F.; Corbari, C. C.; Aguilera, V. A. *Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato. Contatos linguísticos no Paraná*. São Carlos, Pedro e João Editores.
- Bezerra, C. de Lima & Rabay, G. (2012). Presença do Sotaque Nordestino no Telejornalismo Brasileiro. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 14-16 jun 2012; Recife-PE. São Paulo, Intercom.
- Bogler, P. (s/d). H2 Foz do Iguaçu. Disponível em <https://www.h2foz.com.br/pontofoz/por-que-a-estrada-do-colono-fragiliza-o-parque-nacional-do-iguacu/> [Acesso em 9 março 2024].
- Calvet, L.-J. (2009⁴). *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo, Parábola.
- Coelho, I. Lehmkuhl et al. (2023). *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo, Contexto.
- Cortez, A. M. Barbosa; Busse, S. (2020). Crenças e atitudes linguísticas de sujeitos fronteiriços com diferentes nacionalidades. *Verbum*, v. 9, n. 2, p. 212-224, set. 2020.
- Cunha, C, Cintra, L. (2016⁷). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Francischett, M. Nesi (2020). *Elaboração mapa do Brasil – Paraná – Região Sudoeste do Paraná*, 2020.
- Goffman, E. (2011). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis, Vozes.
- Gómez Molina, J. R. (1996). Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales, en *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística Y Filología de la América Latina* – Alfal, Las Palmas de Gran Canaria, v. 2, p. 1027-1042.
- Görski, E. M. & Coelho, I. Lehmkuhl. (2009). Variação linguística e ensino da gramática. *Working Papers in Linguistics*, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan.- jun.
- Lambert, W. W.; Lambert, W. E. (1966). *Psicologia social*. Rio de Janeiro, Zahar.

- Liebkind, K. (1999). Social psychology, en J. A. Fishman (ed.), *Handbook of language and ethnic identity*, New York, Oxford University Press: 140-151. 1999.
- Lopes, C. R. dos Santos. (2003). *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid, Vervuert/Iberoamericana.
- Moreno Fernández, F. (1998). *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*, Barcelona, Ariel.
- Oppenheim, A. N. (1992). *Questionnaire design, interviewing and attitude measurement*, 2nd ed. (rewritten), London/New York, Continuum.
- Puolato, D. (2006). *Francese-italiano, italiano-'patois': il bilinguismo in Valle D'Aosta fra realtà e ideologia*, Bern, Peter Lang.
- Rodrigues, D. Fernandes (2003). *Cortesia Linguística*, (Tese de doutoramento), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Sella, A. Feola & Corbari, C. C. & Aguilera, V. de Andrade. (2019) *Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato. Contatos linguísticos no Paraná*. São Carlos, Pedro e João Editores.
- Tarallo, F. (2000). *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, Ática.